

PEQUENOS GRUPOS: ALTERNATIVA E VIVÊNCIA DE ESPIRITUALIDADE NOS CENTROS URBANOS¹

SMALL GROUPS: AN ALTERNATIVE AND SPIRITUAL EXPERIENCE IN URBAN CENTERS

Paulo Felipe Teixeira Almeida²

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre os Pequenos Grupos como alternativa e vivência de espiritualidade cristã para os centros urbanos. Diante de uma sociedade - aparentemente - fragmentada, sugere-se que carências por espaços de convívio e comunhão surjam. Assim, questiona-se sobre a igreja se fazendo presente e agindo neste cenário. Propõe-se que os Pequenos Grupos possam significar uma presença ativa da igreja na comunidade, em especial, urbana: em suas características e linguagem; uma vez que o ambiente menor pode ser - naturalmente - mais acolhedor. Outra perspectiva do trabalho é verificar o Pequeno Grupo como um espaço de confiança e de identificação, no qual as pessoas participantes possam resgatar espaço para cultivar relacionamentos relevantes; por meio da comunhão, da troca mútua e do

¹ Este artigo é resultante da adaptação de parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Teologia/Missão Urbana para obtenção do grau de Especialista em Teologia (Faculdades EST) - PPG - Programa de Pós-Graduação - São Leopoldo/RS (2011).

² Licenciado em Pedagogia (ULBRA). Bacharel em Teologia (EST). Pós-Graduado (Lato Sensu) em Teologia/Missão Urbana (EST). Aluno do Mestrado Profissional em Teologia/Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (EST). E-mail: prfelipealmeida@gmail.com

aprendizado bíblico. Esta pesquisa resultou do método bibliográfico.

Palavras-chaves: Pequenos Grupos. Missões urbanas. Missão da igreja. Cristianismo. Comunhão. Trabalho de grupo na igreja.

ABSTRACT

This article is a reflection on Small Groups as an alternative and Christian spiritual experience for urban centers. A society - apparently - fragmented, suggests that a need for space to interact and have fellowship arises. Because of this, it is uncertain if the church is present and active in this scenario. This article proposes that Small Groups can provide an active presence of the church in communities, especially in urban contexts, in its characteristics and language, since a smaller environment can be naturally more welcoming. Another perspective of this work is to verify if Small Groups provide space of trust and identity, where the people who participate can commit space to cultivate relevant relationships; through fellowship, mutual exchanges, and through learning the Bible. This research is a result of the bibliographical method.

Keywords: Small Groups. Urban missions. Church mission. Christianity. Fellowship. Group work in the church.

INTRODUÇÃO

A realidade urbana não é mais uma condição de posicionamento geográfico apenas, pois o que se observa contemporaneamente é que a cultura urbana invade cidades antes tidas como interioranas e associadas, comumente, a um ritmo, a uma cultura e a uma agenda relacionada às coisas do campo. A cultura urbana tem alcançado outras realidades e, nesta direção, leva junto os confortos, possibilidades, mas também os dramas da cidade grande. A segurança, a saúde e a educação públicas entram para o topo da agenda de necessidades e medos de cidades nas mais diversas regiões. A desconfiança e os medos alcançam as pessoas, seja nas cidades com vocação urbana, seja nas cidades contagiadas/contaminadas com a cultura da urbanidade. É, no entanto, oportuno lembrar que a natureza humana clama pelo convívio, como destacam Foster e Beebe, ao recordar pensamento de caráter mais antropológico de Schleiermacher:

Primeiro, é da natureza humana reunir-se em grupos. Os seres humanos são seres sociais e são atraídos naturalmente para perto uns dos outros. Reunir pessoas também é da natureza da religião. Logo, a existência das comunidades religiosas não é

ruim, muito menos maligna, mas comum e natural. Por isso, em vez de condenar a Igreja, devemos tentar descobrir por que as comunidades religiosas existem e como tirar o melhor proveito delas.³

Ainda, baseando-se no pensamento de Kierkegaard, o filósofo Jonas Roos reforça a ideia de necessidade relacional das pessoas:

A verdade do evangelho não é o estabelecimento de uma relação com uma doutrina. O cristianismo não é uma doutrina; contém doutrinas, mas não é doutrina. Cristianismo é estabelecer uma relação com uma pessoa.⁴

1. ALTERNATIVA FRENTE AO ANONIMATO NOS CENTROS URBANOS: SUPERAR A DESCONFIANÇA; RECONQUISTAR A CONFIANÇA

Um fenômeno que ocorre na atualidade é uma busca intencional por soluções rápidas para os problemas urbanos do dia a dia dentro das diversas igrejas cristãs. Por muitas pessoas, as igrejas parecem ser percebidas como “supermercados da fé”, nas quais se imagina encontrar uma diversificada linha de “produtos” contendo solução específica para cada problema vivido no cotidiano inseguro das grandes cidades. É verdade que algumas igrejas fazem deste expediente sua maneira de agir, seu modo de operação. Sendo assim, pelo menos dois perfis de público-alvo podem ser elencados: o cliente, ou seja, aquele que entra na igreja-mercado para comprar seu produto religioso, sair e usá-lo; e um segundo tipo é aquele que reconhece que tem necessidades, mas não deseja se envolver nesta espécie de negociata da fé. Mesmo assim, o que o move também acaba por afastá-lo de conhecer igrejas que apresentam uma proposta mais séria e comprometida com Cristo, como também das verdades bíblicas que trazem consolo, encorajamento e alimentam com esperança. Este segundo tipo tem em si marcas de desconfiança em relação à igreja. Para que este tipo de pessoa seja alcançado, digamos, para uma experiência de fé e vida cristã mais profunda, faz-se necessário uma reconquista de confiança; assim, tudo o que lembrar “estruturalmente” este mercado da fé precisa ser descartado. No pensamento de Schleiermacher, pode-se perceber a importância, então, de uma comunidade que cresce junta e unida, em uma troca e paridade, sem que a hierarquia, histórica ou “novata”, interfira, negativamente, pelo controle:

³ FOSTER, Richard. *Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã*. São Paulo: Vida, 2009. p. 226.

⁴ Apud HOCH, Lothar; HEIMANN, Thomas (Orgs.). *Aconselhamento pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 81.

Então, Schleiermacher mostra a forma em que comunidades específicas de fé nos ajudam a entender nossas experiências com Deus. Falando, ouvindo e adorando juntos, somos capazes de compartilhar nossas experiências espirituais e assim obtermos mais discernimento, com base no que é compartilhado. Esse processo nos orienta na compreensão dessas experiências e demonstra que a Igreja verdadeira é baseada na troca, não em hierarquias repressivas. Destacando isso, Schleiermacher defende uma comunidade em que a religião verdadeira seja a troca entre iguais que experimentam a Deus.⁵

O ambiente relacional que a igreja ou comunidade local oferece cumpre, então, o papel agregador necessário para desconstruir a ideia de uma igreja-comércio promovida pela mídia em geral, e permitir a construção de uma nova experiência de fé e comunhão saudável para o convívio e desfrute espiritual. Num primeiro momento, o lar, a casa, a residência, permite esta ação e dinâmica por uma simples razão, não tem “CNPJ” (um perfil institucional), ou seja, neste ambiente encontram-se pessoas, indivíduos reais, próximos, e provavelmente mais acessíveis uns aos outros. Assim, uma reaproximação com uma espiritualidade sadia se dá pela credibilidade baseada numa amizade, num relacionamento existente. O testemunho pessoal torna-se o principal meio para esta reconciliação com o sagrado. Percebamos, ainda, no encorajamento de Bonhoeffer, que anonimato é uma realidade para os que se iniciam na caminhada com a realidade cristã:

Os que haviam sido chamados já não podiam viver no anonimato; eram a luz que tem de brilhar, a cidade edificada sobre o monte que tem de ser vista. Por sobre sua comunhão pairavam, visivelmente, a cruz e a paixão de Jesus Cristo. Por causa dessa comunhão, os discípulos tinham de abandonar tudo tinham que sofrer e ser perseguidos; todavia, em sua comunhão recebiam, justamente, na perseguição, visivelmente o que haviam perdido - irmãos, irmãs, campos, casas. A comunidade dos seguidores estava bem visível diante do mundo. Havia corpos que agiam, trabalham e sofriam na comunhão de Jesus.⁶

Este processo respeita um inicial interesse por anonimato, pois a pessoa interessada vai agregando-se, aos poucos, com aquelas pessoas que conhece, e em ambiente que lhe é ou lhe parece familiar.

⁵ FOSTER, 2009, p. 226.

⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 158.

Segundo relata Rogério R. Zimpel, em seu livro intitulado *Aprendendo a lidar com o estresse*, “a desconfiança e o apego à última palavra produzem estresse”.⁷ Diz, ainda: “Na China antiga, os médicos eram pagos para manter seus pacientes saudáveis em vez de tratar as doenças. Na nossa sociedade, entretanto, existem poucos incentivos para a prática preventiva da medicina”.⁸ Cumpre-se um equívocado trajeto de reproduzir escolhas do dia a dia urbano, como a constatação acima nos sugere: deixe adoecer para abordar.

O Pequeno Grupo poderia ser o ambiente em que se cuida uns dos outros, quando necessário; mas, também, o ambiente em que se previnem doenças, na perspectiva do suporte espiritual. Isto pode ser considerado como de grande valia dentro da rotina sufocante das cidades. Além disso, a igreja precisa perceber-se nas pessoas que a formam e, assim, vislumbrar-se itinerante. Isto se faz essencial, e a faz relevante:

Não devemos pensar em visitar apenas os membros de nossa igreja, mas precisamos estender a graça do Evangelho a todos os enfermos, seja qual for a sua religião. Muitos enfermos estão hospitalizados, outros estão em seus lares.⁹

2. ALTERNATIVA FRENTE À NECESSIDADE DE FAZER PARTE: IDENTIFICAÇÃO COM O OUTRO

Ao pensar na dramática necessidade relacional que os centros urbanos geram, na superficialidade, na opressora agenda para sobrevivência, pode-se imaginar uma nada saudável ênfase em si mesma, em si mesmo.

O princípio de alteridade não passa de utopia, assim. O altruísmo quando evocado, primeiramente, pode significar, mais uma vez, alívio para as próprias dores internas, como compensação. A alteridade como gesto genuíno e voluntário lembra-nos do padrão divino de Deus para conosco. Em Cristo, ou na vida terrena de Jesus, podemos, então, vislumbrar um padrão de alteridade superior, que extrapola a capacidade do termo, na verdade; pois Cristo não só veio até nós, percebeu nossas dores e clamores, como também forneceu em mensagem e ação, oportunidade de transformação integradora e integral; e nos encorajou para reproduzir esta mensagem. Vejamos o que nos diz o texto de Filipenses 2.7: “[... Pelo contrário, ele abriu

⁷ ZIMPEL, Rogério R. *Aprendendo a lidar com o estresse*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 100.

⁸ ZIMPEL, 2005, p. 106.

⁹ FALCÃO SOBRINHO, João. *Aconselhamento cristão em tempos de crise*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004. p. 50.

mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano...]” Ou, ainda, como ressalta Bonhoeffer:

[...] evidenciou-se que o discípulo não dispõe de um direito próprio, de poder próprio no encontro com as outras pessoas. Ele vive exclusivamente da força da comunhão de Jesus Cristo. Jesus dá aos discípulos uma regra muito simples por meio da qual mesmo o mais singelo pode constatar se seu trato com os outros está certo ou errado; para tanto basta inverter os papéis; basta pôr-se no lugar do outro e ao outro em seu próprio. ‘Tudo quanto, pois, vocês querem que os seres humanos lhes façam, assim façam-nos também a eles’. No mesmo instante, o discípulo perde qualquer direito especial em relação ao outro, e não poderia desculpar para si o que condena no outro. [...]”¹⁰

Esta é a regra de ouro como apresentada na pregação de Jesus e, eventualmente, presente em outras religiões e filosofias. Mas na pessoa de Cristo temos a nossa referência essencial, de quem observamos o padrão superior de ação para com o próximo. Em Cristo pode-se delinear nosso modo de operação para início e manutenção de relacionamentos saudáveis. E como a própria história de Cristo nos ensina, isto tem um preço. Mas, afinal, nossa saúde, nossa alimentação, nosso bem-estar são precificados. Faz-se necessário que relacionamentos também o tenham: mais que altruísmo e alteridade, a mensagem do evangelho é amor e compaixão, reflexo do padrão divino. Diz Bonhoeffer: “Assim, o discípulo tratará o outro como alguém que recebeu o perdão dos pecados e que passa a viver exclusivamente do amor de Deus. Esta é a lei e os profetas - pois nada mais é do que o maior mandamento [...]”¹¹ Lembrando que este ambiente pode ter uma abordagem preventiva, como citado anteriormente; salienta-se, aqui, o texto sugestão do pastor João Falcão Sobrinho, dando conta de uma atuação da igreja diante de situações dramáticas de isolamento (no caso, diante de uma situação de depressão e sua manifestação mais drástica, a propensão ao suicídio):

[...] Comunhão fraternal, mutualidade, extensão do próprio ser através da koinonia; ajuda mútua, confiança, oração uns pelos outros, aprofundamento das raízes do amor. Como solidão e o autoconfinamento geralmente acompanham as crises que resultam em suicídio, o desenvolvimento de uma comunhão sincera na Igreja abre janelas para a respiração da alma angustiada e abre também portas por onde pode entrar ajuda nas horas de depressão.¹²

¹⁰ BONHOEFFER, 2004, p. 117-118.

¹¹ BONHOEFFER, 2004, p. 118.

¹² FALCÃO SOBRINHO, 2004, p. 107.

É preciso intimidade para anunciar e vivenciar tais verdades. Assim, mais uma vez, parece que o Pequeno Grupo, este ambiente relacional proposto para conhecermos a Deus e uns aos outros, pode proporcionar espaço e oportunidade para tanto.

3. ALTERNATIVA FRENTE À SUPERFICIALIDADE NOS GRANDES AGLOMERADOS: VIVENCIAR FÉ NOS CENTROS URBANOS DE FORMA INTEGRAL / RELACIONAL

A quebra deste distanciamento do indivíduo com uma representação local da igreja se dá, segundo Míguez Bonino,¹³ por meio de um evangelismo intencional por toda a congregação. Isto pressupõe, conforme Bonino, a participação individual e coletiva da comunidade de fé, munida de capacitação para tanto. René Padilla ressalta, por sua vez, a necessidade de recuperar-se a inteireza do evangelho, ou em suas palavras: “*todo o evangelho, para todo o homem, para todo o mundo*”.¹⁴ Percebo no registro de Roberto Zwetsch a necessidade, o alcance e os limites de uma igreja comprometida em anunciar o evangelho por completo às pessoas:

Em termos práticos, uma igreja que volte ao evangelho bíblico saberá entender que não foi chamada para resolver todos os problemas ou a miséria dos povos, mas foi chamada para ser fiel a Deus com aquilo que tem. ‘A maior contribuição que a igreja pode fazer ao mundo é ser tudo o que ela deve ser. Entre outras coisas: (a) Uma comunidade de reconciliação [...] (b) Uma comunidade de autenticidade pessoal [...] (c) Uma comunidade de serviço e entrega’. A partir dessa análise, Padilla afirma que, na América Latina, a maior necessidade das igrejas evangélicas é voltar a um ‘evangelho mais bíblico e a uma igreja mais fiel’. Creio que aqui os adjetivos só podem ser entendidos como sinais de um evangelho que provoca o surgimento de uma vida de fé que se encarna na realidade de injustiças de maneira profética.¹⁵

Os apontamentos de Bonino, Padilla e Zwetsch direcionam para uma necessidade de adequação por parte das igrejas locais em anunciar a esperança em Cristo - compreensivelmente - e, ao mesmo tempo, com fidelidade bíblica. Isto, indubitavelmente, provocará em todas as pessoas ouvintes uma chance real de perceber sua pessoal necessidade de reconciliação e compreensão, e de que essa

¹³ MÍGUEZ BONINO, José apud ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 98.

¹⁴ PADILLA, C. René apud ZWETSCH, 2008, p. 163.

¹⁵ ZWETSCH, 2008, p. 163.

poderá ser experimentada também para com seus próximos. Isto se traduziria em privilégio de ser, simultaneamente, alvo e agente da fé cristã.

Diante do exposto, até aqui, cremos que os Pequenos Grupos devem receber atentos olhares das comunidades de fé, especialmente as de âmbito e/ou realidade urbana. Pois como se tentou apresentar, a rotina urbana carece de espaço e ação para o crescimento das pessoas, famílias e grupos, por meio do estudo da Palavra e do transparente compartilhamento das dores e alegrias, conforme Romanos 12.15. A simplicidade estrutural, a flexibilidade e a adaptabilidade dos Pequenos Grupos mostram os mesmos como instrumentos relevantes e alternativa pertinente para maior inserção da igreja cristã no convívio e no relacionamento com as suas respectivas comunidades em que está ou deseja estar inserida. A necessidade de superar dificuldades relacionais no dia a dia urbano pode ser diminuída ou, eventualmente, sanada nesta vivência relacional aqui estudada, sugerida e promovida. Almejando assim e, quem sabe, alcançando retorno e reforço de elementos como confiança, amizade, mutualidade e comunitariedade; na intenção de superar uma coletividade urbana, não raro, vazia e superficial. Apontam-se, assim, as propostas destes pequenos grupos como uma renovação da ação missionária e cuidadora para as diversas comunidades de fé que atuam na realidade urbana.

CONCLUSÃO

Estes esforços iniciais para delinear o assunto certamente não encerram a extensão do tema, tampouco se aproximam disto: seja pela dimensão temporal, seja pelas ponderações culturais em cada tempo; seja pela dimensão de conceitos abordados, seja pela necessidade de maior aprofundamento teológico, ou ainda, pelas distintas e atuais aplicações práticas, ou até mesmo, por questões de ordem eclesiológica e a diversidade denominacional no meio cristão. Quer dizer, o que aqui se procurou afirmar é que a proposta de Pequenos Grupos é atual, oportuna, e oferece possibilidades concretas de efetividade. Ainda assim, interessa saber se a pesquisa conseguiu apontar ou aguçar para futuros mergulhos mais profundos e especializados. Entendo que o tema pode se tornar pauta recorrente nas diversas denominações cristãs, igrejas locais e comunidades de fé.

O pastor Paschoal Piragine Júnior destaca o seguinte texto do reverendo Mathias Quintela, confirmando a seriedade que o tema merece:

A prática efetiva do sacerdócio universal dos crentes requer comunidades menores, de base, nas quais os relacionamentos possam ser tão intensos que tornem possível a verdadeira

comunhão cristã. Essas comunidades de base, no entanto, precisam fazer parte de uma comunidade maior; como células, elas são partículas constitutivas de um organismo vivo. Essa comunidade maior identifica-se com a igreja local que tenha marcas da igreja de Cristo (v. Mt. 18.20).¹⁶

É inegável e cada vez mais necessária a promoção e a manutenção de ambientes relacionais saudáveis que favoreçam contatos verdadeiros entre as pessoas e nas próprias igrejas, ambientes nos quais os seus participantes possam ser percebidos e ouvidos, em que suas dores e alegrias possam ser consideradas. Só assim as pessoas serão notadas e acolhidas. Ao mesmo tempo, em tais ambientes certamente terão mais oportunidade de crescimento pessoal, um crescimento integral, sendo também abordadas, encorajadas e/ou confrontadas pela realidade do outro e no outro, para se permitirem revisão na conduta pessoal diante dos desafios rotineiros que a vida comporta. Além disso, sugere-se que nestes ambientes de pequenos grupos as necessidades das pessoas não apenas serão (re)conhecidas, mas também se poderá vislumbrar meios para mudança individual e comunitária. Isto tudo servirá, sem dúvida, para uma renovação da perspectiva de ação e da missão da igreja. Obviamente, aqui se está aludindo a uma igreja interessada e comprometida em fazer positiva e relevante diferença nos atuais centros urbanos e seus respectivos contextos.

O tom proposto, nesta breve reflexão, é o de promoção de alternativas à realidade dos centros urbanos, por meio da vida em pequenos grupos, ou seja, por meio de ambientes relacionais, nos quais pessoas possam ser percebidas, ouvidas, notadas e valorizadas; seja como alvos de transformação pessoal, seja vivenciando transformação comunitária.

Como exercício de reflexão futura, pode-se, por último, propor a ideia de intencionalidade na promoção massiva de novas leituras, pesquisas, debates, fóruns, palestras, treinamentos e outras formas de socialização deste tema, pela pertinência que o mesmo acarreta tanto para a igreja cristã em suas relações internas, a saber, sua liderança, membresia e parceiros noutras igrejas, quanto em suas relações externas, com as diversas comunidades com as quais esteja se comunicando e, não por último, até mesmo na realidade social e política das cidades onde se fazem presentes estas referidas comunidades de fé.

¹⁶ QUINTELA, Mario, apud PIRAGINE JR, Paschoal. *Crescimento integral da igreja: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões*. São Paulo: Vida, 2006. p. 134.

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Aconselhamento cristão em tempos de crise**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004.

FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã**. São Paulo: Vida, 2009.

HOCH, Lothar; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

PIRAGINE JR, Paschoal. **Crescimento integral da igreja: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões**. São Paulo: Vida, 2006.

ZIMPEL, Rogério R. **Aprendendo a lidar com o estresse**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

Paulo Felipe Teixeira Almeida

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. **Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2011. 55 f. (TCCP - Especialização em Missão urbana).

AKINS, Thomas Wade. **Evangelismo pioneiro**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 1996.

BOFF, Leonardo. **A santíssima trindade é a melhor comunidade**. São Paulo: Vozes, 1988.

BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BRANDT, Hermann. **Espiritualidade: vivência da graça**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja**. São Paulo: Vida, 2006.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça: parceria na missão de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherit Fee. **Dicionário de teologia**. São Paulo: Vida, 2004.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. **Maturidade cristã I**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

_____. **Núcleo de estudos bíblicos**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

_____. **O que Jesus deseja que você faça**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

_____. **Uma nova vida. E agora?** Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

_____. **Testemunho pessoal**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS. **O ano da transição: vamos mostrar a você como fazer!!! Módulo I**. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã.** São Paulo: Shedd, 2005.

SCHWARZ, Christian. **O ABC do desenvolvimento natural da igreja.** Curitiba: Esperança, 1998.

SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas.** Rio de Janeiro: JUERP, 2007.

SIMSOM, Wolfgang. **Casas que transformam o mundo: igreja nos lares.** Curitiba: Esperança, 2001.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (Org.). **Pacto de comunhão: documentos batistas.** Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

STOCKSTILL, Larry. **A igreja em células.** Belo Horizonte: Betânia, 2000.

STORNILO, Ivo. **Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje.** São Paulo: Paulus, 2008.

STRÖHER, Marga J. **A igreja na casa dela - papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs.** São Leopoldo: IEPG/EST, 1996.

ULBRICH, Armand. **Como construir uma congregação eficiente.** Porto Alegre: Concórdia, 2006.